



Ena Efa

Um segredo no Porão

Sailon é um pequeno garoto, magro de aparência simples, sua família consegue se sustentar com o pouco salário que ganha, porém, não pode usufruir de muitas coisas, tem um grande apreço por sua família, principalmente pelos seus irmãos, por isso sempre luta pra ser o exemplo, não pode errar, assim seus irmãos terão alguém em quem se inspirar, Anie e Cain são seus irmãos menores, ambos bem peraltas, quase toda a semana seus pais estão na escola por causa das bagunças e distrações que eles causam, mas nessa semana o avô de Sailon adoeceu, está internado e como são crianças, não podem entrar no hospital para vê-lo, de acordo com o seu pai:

-Hospital não é lugar pra crianças, não insista. Como Sailon não queria apavorar seus irmãos, decidiu que seria melhor não retrucar, neste momento, o céu está escuro, as crianças na cama, com exceção do Sailon, todos dormem, seus pais estão no hospital, o medo consome ele, será que nunca mais vai ver seu avô? Porque as crianças não podem estarem junto a

a quem eles amam?

-Eu só queria estar com meu avô! Exclamou Sailon com um suspiro, de repente num súbito veio a sua mente as palavras de seu pai:

"-Vamos guardar tudo o que temos dele no porão, assim as crianças ficarão menos apreensiva quanto a situação do avô." Logo após recordar mesmo com receio do escuro, ele salta da calma, vai com passos lentos, se aproximando do porão, nesse momento, começa a hesitar, nunca antes ele entrou no porão, o que teria lá de bom pra ele querer? Agora tem as coisas que lembram seu avô, mas e o que mais? Quanto mais se aproxima da porta, seu corpo fica pesado, o coração palpita mais devagar, porém com mais força, seus pulmões agora parecem mais gelados, o silêncio e o escuro, ele diante da porta do porão, ao engolir uma grande parte da saliva que está na sua boca, abre a porta de supetão, assim ele assustaria qualquer monstro que pudesse estar ali, a cabeça de nove anos dele imaginará isso, a porta estava totalmente aberta depois de um barulho enorme que produziu ao se chocar contra a parede,

O barulho foi tamanho que os olhos dele arregalou, congelando por um momento, seus ouvidos ficaram atentos para ouvir qualquer coisa, a preocupação era de seus pais acordarem, assim os risinhos começam a ser soltados, ele lembrou que seus pais estavam no hospital, ao olhar em volta o porão não parecia tão assustador, só estava escuro, ele começou a procurar pelo interruptor assim poderia clarear a sala e achar o que buscava, demorou um tempinho, por causa do medo e nunca ter entrado lá, no entanto conseguiu achar o interruptor e ligar a luz, agora se depara com uma sala cheia de coisas antigas, tinha álbuns de fotos, uns troféus, os nomes escritos eram de seu pai, o pai dele na infância ganhou muitas corridas, hoje em dia nem dá pra dizer que ele era assim, pois estava numa cadeira de rodas, um acidente de carro o impediu de prosseguir sua vida como antes, os olhos do Sylon brilhava com cada coisa que via, era tudo tão intenso e tão distante, marcas do passado que ele não viveu, mas que fazem parte de sua história, enquanto ele admirava a sala a procura das coisas do seu avô, uma aranha apareceu correndo

saindo debaixo de uma das caixas e adentrando num cômodo cheio de livros colocados de mal jeito, ao olhar atentamente, pronto para matar a aranha ele repara que não são exatamente livros, são diários, na escola ele ouviu as garotas comentarem que diários continham seus segredos, Sailon ficou curioso com o que poderia estar ali naqueles diários, sem muita demora, ele pegou com cuidado para caso a aranha aparecesse, como ela não surgiu, ele sacudiu o diário para se livrar das poeiras e começou a ler, mas alguma coisa estava errada, as datas, o nome, como assim? O diário tinha sido escrito a dois séculos atrás, a cabeça dele começou a explodir, ele tentava olhar nos seus dedos e entender como é possível aquela data ter existido? Era alguma brincadeira, ao olhar pelas janelas, parecia que era madrugada, ele estava com muito sono, então pegou os diários e levou consigo para seu quarto.

O começo de um mundo dos escolhidos

-Ei, acorde, vamos levanta logo! Os sons ao longe pareciam ecoar e cada vez ficavam mais presentes, era o pai do Sailon, estava o despertando e estava enfurecido, ao despertar ele arregalou os olhos e os fixou em seu pai:

-Como se atreve a abrir aquela porta? O que procurava? Ainda bem que não mexeu em nada, não quero mais que entre no porão, aquele lugar é cheio de insetos, não limpamos a semanas, estava pensando no que, olha pra você (seu pai apontará em sua direção), está todo sujo, cheio de teias, precisando de um banho, olha sua cama como ficou imunda, levanta logo, vá se lavar e arrume sua cama, tire esses lençóis e coloque outros limpos, era só o que me faltava, sua mãe está cheio de problemas e você fica dando mais trabalho... Mal acabará de falar e saiu do quarto dele, não conseguia mais ouvir as palavras de seu pai, porém ficou aliviado ao saber que ele não percebeu que os diários tinham sido retirados do porão, o que ele faria agora, tinha que se arrumar para não causar mais problemas, seus irmãos

já estavam a mesa tomando o café, se preparando para mais um dia na escola, ele se apressou em arrumar suas coisas e preparar a si mesmo para o dia na escola.

O dia na escola foi como qualquer outro, até que em um dado momento Sailon de aproxima de sua professora e questiona:

-Prof, xis, ve, i, i e i, é século dezoito, né? Atônita ao ver o conhecimento de seu aluno, ela sorri e afirma que sim, porém, também o interroga:

-Quem te ensinou isso, como tinha dúvida que era exatamente desse século? Ele a responde:

-Meu avô, gosta de contar histórias desse século, ele me ensinou, eu vi um diário ontem e nele estava escrito isso, por isso perguntei. Após mais algumas conversinhas, o dia voltou a sua rotina normal até que deu a hora de voltar pra casa ou quase, dessa vez Anie aprontou uma das grandes, ela falou havia convencido a sua sala que se todos bebessem muita água e colocassem a barriga ao mesmo tempo no chão, o arco íris apareceria no céu, o resultado, foi um monte de crianças desesperadas pra irem ao

banheiro, como não tinha para todas ao mesmo tempo, muitas crianças urinaram em suas calças, com um sorriso e um pouco apavorada, Anie olha para seu irmão e pergunta:

-Será que vou apanhar dessa vez? Ele fica pensativo, ao imaginar que sua irmã merece, mas seu coraçãozinho diz que ele não deve deixar, até que em sua frente passa uma criança toda molhada pela própria urina, ele segura o riso e o nariz, Sailon não é como as outras crianças, ele nasceu com uma sensibilidade e olfato melhor que as pessoas comuns, seu corpo era capaz de sentir dores antes mesmo de ser atingido ou encostado por algo, além de que cheiros eram praticamente um veneno para ele, já que uma fragrância suave já o incomodava, nesse momento sua mãe chega, vermelha de raiva e vergonha, sua irmã, passou os limites, ela com certeza levaria uma surra, ele com medo que isso acontecesse, fala pra sua mãe:

-Me perdoa mamãe, eu que disse pra Anie fazer isso, ela não tem culpa. Sua mãe olhou para ele com uma fúria nos olhos que atravessaram sua alma e o deixou

muito assustado, agora ele temia apanhar.

Quando chegaram em casa, sua mãe os ordenou a irem para seus quartos, que ela os castigaria logo após, Sailon saiu correndo para o seu, trancou a porta, pegou o diário, o primeiro deles a capa era verde, parecia nova, era impossível ser do século que dizia, mas o engraçado que ela tinha relevos, ao atentar com mais atenção, a capa era feita com folhas de árvores, Sailon ficou passando a mão por um tempo, era gostoso, seu corpo estava gostando disso, aí ele se assustou, suas veias estavam brilhando, suas mãos e seus braços brilhavam, "O livro é mágico"...

Um pensamento ecoa em sua mente, feliz que achará o livro ele resolve ver que tipo de magia tem nele, vai que realizasse um desejo, "ele poderia fugir do castigo", não simples demais, poderia vir outros por causa de seus irmãos, "irmãos melhores", só que ele amava seus irmãos, a curiosidade era tanta que seus pensamentos sumiram, o dia sumiu, nada mais existia só o livro que fazia linhas brilhantes no braço era importante, após um tempo ele abriu e o começo falava do porão de sua casa.

Porão, poço, casa numa árvore

O diário falava de um lugar dentro do porão, atrás de toda aquela bagunça onde tem um poço, nele dá para descer por uma escada que leva a um túnel, o final desse túnel tem um corvo que fala a língua dos homens, ele guarda uma porta que dá direto numa casa da árvore... Sem terminar de ler, Sailon decidiu que a noite entraria no porão e iria confirmar se aquilo era mesmo real, sendo real, ele conseguiu um novo esconderijo, o dia passou a noite caía e nada de sua mãe castigar ele ou a sua irmã, mais uma vez seus pais saíam, estavam indo para o hospital.

Com a chegada da noite, Sailon desceu para o porão, e achou o tal poço, curioso com a casa da árvore, desceu afoito o túnel era medonho, parecia cheio de musgos e tinha um córrego esquisito as águas não se mexiam mesmo mesmo que pisassem nela, até que chegou numa porta, o corvo estava lá, ele o questiona: -Boa noite Samirum, posso passar? O corvo ao ouvir o nome, recorda que ninguém o chama assim a pouco mais de dois séculos, dá um sorriso e fala:

-Um rapaz tão novo, como podes chegar aqui e falar meu nome sem que eu o conheça a menos que seja um dos escolhidos, você tem a luz necessária pra passar a porta, só um jeito de saber, olho na fechadura e ela dirá... Todo feliz com a novidade de um pássaro que fala e não ser um papagaio ele olha pra tranca da porta e seu corpo todo começa a brilhar destravando a passagem para ele, o corvo olha e diz:

-Nunca criança, em hipótese nenhuma mostre sua luz nesse mundo, você é o melhor pior escolhido que pode existir, lembre-se nunca diga que você é um setentariano nem que é um humano, as perguntas sobrecarregaram o medo sobre ele, porém, a porta o suga e se fecha antes que pudesse questionar qualquer coisa.

Chegando do outro lado, havia uma sala linda, parecia o saguão de sua escola de tão grande, ele começou a andar tinha retratos, não pinturas, retratos, só poderiam ser pinturas, aliás dragões não existem, mas pareciam tão reais, alguém mandava bem nas edições de fotos, mesmo com medo, ele começou a andar viu uma janela e chegou perto dela pra ver o que tinha do lado de fora, a visão era

assustadora, parecia um precipício, dava para ver nuvens correndo próxima a casa, era muito alta, ele se afastou da janela e se encostou em algo macio e um pouco refrescante, ao se virar para olhar, um lagarto grande e azul, com o corpo coberto de pelos que refletiam a luz a sua volta, ele era lindo, então com um pouco de medo, mas muita curiosidade ele questiona:

-Quem é você? Ao ouvir isso ele se apresenta:

-Ufa, fala minha língua, já estava com um pouco de medo que não falasse, sou Garon o décimo dragão azul, faço parte da mesa dos poderosos, já você é quem? Parece aquela raça distante de um planeta que protejo, da parte do X213, o planeta que tem parte de sua cor parecida com a minha o planeta Ramonóide, mas quem é você? Nesse momento, Sailon lembra que não pode falar que é um humano, então ele responde:

-Eu não lembro de onde vim, só que meu nome é Sailon...

-Aaah, então entendi, você é um dinumano, vou te levar para a tua tribo, sobe nas minhas costas. Com medo ele subiu, não poderia contar a verdade, mas

o medo parecia se transformar em confiança, pois, o dragão era macio e muito simpático, a sala brilhava, dava pra se ver no chão de tão limpa e linda que era, as asas do Garon se abriram, começou um voo leve dentro de sua própria casa alcançando e ultrapassando a janela, um susto sobreveio no menino, as janelas se moviam e até corriam, para evitar que alguém passasse por elas:

-Uaaaaaaau! Se impressionará com a visão, ele estava descendo dos céus nas costas de um dragão, não lhe passava o medo na cabeça de onde iria, só a emoção de estar ali, voando naquele guardião, a árvore parecia gigante, ele começa a lembrar no conto do João, pensa consigo se o próprio dragão, não era a galinha que botava os ovos de ouro:

-Você bota ovos Garon? Pergunta ele sem hesitar.

-Claro que não (risos) minha espécie se reproduz por meio da luz. Responde Garon deixando o menino ainda mais confuso.

-Pela luz? Como assim? pergunta ele com mais sede conhecimento, parecia agora um cientista atrás de novidades de uma nova espécie.

-Sou um guardião, meu nascimento e minha morte só chegam pela luz, quando o Solarium a maior estrela do universo dá suas explosões devido a seu calor, muitos da minha espécie nasce, porém, poucos os que sobrevivem podem sair voando, mas não dá pra sair do planeta sem demonstrar sua força, então temos que lutar com nossos irmãos, se olhar no meu peito, verás meu brasão, ele carrega o número mil.

Ao olhar atentamente pro brasão, ele vê uma luz branco com linhas douradas, e interrompe o Garon perguntando:

-Porque aí tem mil? Porque você lutou com mil irmãos? Dando alguns risinhos, pois é difícil imaginar alguém com mil irmãos.

-Na verdade, são mil irmãos que matei (A criança fica assustada, pois jamais imaginou a si batendo em seus irmão, quem dirá os levar a morte, até na igreja aprendem que isso é pecado), infelizmente não tive escolha, ou morremos pelas chamas da nossa estrela ou morremos pelas mãos da nossa família,

eu invejo alguns planetas, pois lá é diferente, queria poder ter crescido com meus irmãos. Suspira enquanto termina de falar, estão se aproximando do chão, Garon o deixa próximo a uma montanha e vai embora, agora ele está com medo, como voltar pra casa? Então pega o diário, vê que um brilho toma seus braços outra vez, ele fica feliz, o livro ainda funciona, agora ele procura como voltar pra casa, e vê uma anotação; "toda vez que vou pra casa, tenho que falar, 'Tsufrai', isso me irrita um pouco", ele tentou pronunciar e puf, como num passe de mágica, estava perante Samirum, O corvo fica intrigado:

-Já voltou, é mais bunda mole do que eu pensava, venho muito rápido, talvez não seja o herói que foi chamado pra ser.

-Herói (enquanto suspira alegre pela palavra e continua falar com o corvo)? Nossa Samirum, me explica o que é isso, porque eu não poderia falar que sou humano? Encontrei um dragão tão legal, queria contar que, eu era, o nome dele é Garon.

-Pare! falou o corvo interrompendo e continuou:

-Nunca mais fale com Garon, apesar de parecer bom

É ele quem protege Ramonóide, se ele sonhar que você é humano, você morre, ele não pode permitir que humanos conheçam o universo, já se perguntou porque dificilmente quem sai do seu planeta não volta?

-Não, dá pra viajar pro espaço? Pergunta ele ainda com mais curiosidade do que com medo.

-(risos) Você ainda é uma criança, mas tenha em mente, Garon é seu inimigo, talvez ele tenha te confundido com espécies que tomam a forma humana, só por isso está vivo, mas não se encontre mais com ele, agora vá pro seu quarto, já são duas da manhã, seus pais vão chegar, e por favor, use as outras portas que o livro dá, eu não gosto de falar com pessoas, ainda mais com pessoas burras, eu sou corvo e não sou obrigado a isso.